

A CONDIÇÃO FEMININA ENQUANTO ESTRANHAMENTO E A CATEGORIA DO OUTRO NA PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL EM *KIKIA MATCHO*, DE FILINTO DE BARROS

Rodrigo Nunes de Souza¹

Orientadora: Dra. Maria Marta dos Santos Silva Nóbrega

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

nunes-rodriigo@hotmail.com

Resumo: o trabalho com a condição feminina, na literatura guineense, dialoga com a real situação pelas quais as mulheres passaram no período colonial e, mais recentemente, na pós-colonialidade. Este trabalho destaca a representação feminina no romance *Kikia Matcho: o desalento do combatente*, de Filinto de Barros, embasando-se na concepção de **estranhamento**, desenvolvida pela pesquisadora Moema Parente Augel. De acordo com Moema, ao sair do seu país de origem, as mulheres representadas no romance são tidas como “estranhas” perante as novas condições de vida que levam, construindo, assim, uma nova identidade, de modo que a cultura, a língua e fatores preponderantes são “esquecidos”. Para isso, nos embasaremos, também, nas teorias **pós-coloniais** de Ana Mafalda Leite e Francisco Noa. Ambos defendem que, em se tratando da representação da condição feminina, os fatores em torno do período pós-independência acarretam para o “apagamento” das identidades dessas mulheres, levando-as a enxergarem a cultura local como secundária, dando prioridade àquelas tradições impostas pelo sistema colonial. *Kikia Matcho* apresenta uma gama significativa de personagens femininas, porém, nesse estudo, destacaremos a personagem Joana. Esta, ao longo

¹ Mestrando em Linguagem & Ensino, na área de Estudos Literários, pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Bolsista do Programa de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.

do romance, vai se moldando de acordo com as concepções do **Outro**, transformando sua condição de acordo com a imposta pelo período anti-independência guineense, abrindo mão, inclusive, das tradições do seu povo e percebe que, ao chegar em Portugal, sua condição enquanto mulher, praticamente, permanece a mesma: subalterna a um sistema opressor. Abordaremos, por conseguinte, como a mulher é representada na perspectiva masculina, sendo Filinto de Barros um dos primeiros romancistas de Guiné-Bissau.

Palavras-chave: Estranhamento; Pós-colonial; Outro; Kikia Matcho; Literatura guineense.

1- INTRODUÇÃO

A Literatura de Guiné-Bissau reflete, muitas vezes, as condições pelas quais o país enfrentou durante o regime do sistema colonial. Marcado por condições de inferioridade, este artigo visa destacar a condição de Estranhamento e a categoria do Outro no romance *Kikia Matcho: o desalento do combatente*, de Filinto de Barros – uma das obras mais representativas das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

Mesmo não sendo englobante, o romance consegue destacar como as opressões impostas pelo colonialismo afetaram o espaço e as condições que começaram a fazer parte do cotidiano dos guineenses. Na visão da pesquisadora Moema Parente Augel (2007), o autor dissecou o passado de Guiné-Bissau, buscando compreender onde estão as condições, tentando conseguir alguma resposta. Reflete-se, com isso, que o autor traça, conforme explicita no prólogo da obra, uma espécie de “exercício de ficção”, aliando a história de Guiné-Bissau à construção literária, contribuindo, dessa forma, para o caráter verossímilante de *Kikia Matcho*.

Enfatizaremos como a condição feminina está presente na obra por meio da personagem Joana. Ela torna-se personagem central em virtude das situações que enfrenta ao tentar uma nova vida em Portugal, abrindo mão, para isso, das suas origens guineenses, recusando, no final, a retornar para o seu participar da cerimônia de sepultamento do seu tio, o combatente do subtítulo da edição portuguesa da obra.

Essa condição que fará parte da vida de Joana faz com que a enxerguemos dentro de duas categorias: a de Estranhamento, formulada por Augel, que consiste em perceber a personagem como uma das representantes da assimilação que fez parte do processo de construção de identidade que tomou conta de muitos africanos, contribuindo, assim, para o “apagamento” das tradições e do conseqüentemente esquecimento e valorização do que o Outro impôs com o sistema colonial.

A outra condição é a perspectiva do Outro. Joana torna-se uma figura indiferente ao chegar em Portugal, pois passam a vê-la como uma figura de inferioridade, cuja submissão reflete a sua condição enquanto estrangeira naquele espaço. Mesmo estando em uma nova terra, a personagem não volta ao seu país de origem e passa a “aguentar” aquelas condições, por enxergar essa nova cultura como a mais “correta” a se seguir.

2- A CATEGORIA DO ESTRANHAMENTO

O romance *Kikia Matcho: o desalento de um combatente*, de Filinto de Barros, foi publicado em 1999, em Lisboa, pela Editora Caminho. Aqui, apesar de uma obra cuja autoria é masculina, temos personagens femininas que refletem a condição da mulher na Guiné-Bissau, principalmente, após sua independência.

Apesar de figurarem várias personagens femininas ao longo do romance, daremos destaque, nesta discussão, à personagem Joana, por esta se encaixar nos pressupostos que as categorias do **Estranhamento** e do **Outro** descrevem.

Ao deslocar-se para Portugal, a fim de viver uma nova vida, Joana passa a sofrer com as conseqüências da imigração. Isso a leva a entrar em choque com as suas raízes, fazendo com que ela perca sua identidade, abrindo mão, para isso, das tradições de seu país de origem. A categoria do Estranhamento resulta, justamente, “quando o indivíduo se sente desraizado, vítimas das forças anônimas do processo de modernização que predomina nos meios urbanos” (AUGEL, 2007, p. 190.)

No romance, durante o processo de Pedrito, filho de Joana, percebe-se o Estranhamento quando a mãe não consegue repassar as tradições do seu povo para o filho, pois este se encontra assimilado. Joana também acaba se aproximando dessa categoria ao sair de Guiné-Bissau com o intuito de mudar de vida, ficando “dividida entre querer voltar ao ambiente em que lhe é mais familiar e a tentação das atrações e possibilidades que lhes são acenadas na cidade” (AUGEL, 2007, p. 190.)

O contacto com a cidade, com os seus colchões de espuma, seus aparelhos de ar-condicionado, suas meninas de esmerada educação e, sobretudo, de tez clara, mudou os revolucionários. Em vez do suicídio da classe pequeno burguesa tão caro a Cabral, deu-se o aburguesamento do campesinato. O discurso revolucionário de *tudo fazer em nome do povo* dera lugar ao *com poder não se brinca*. Em vez de livros, medicamentos, surgiram *volvos* e as *comadres* e, como corolário, a violência policial. Foi neste clima de desencanto que Joana decidiu partir à procura da única coisa que passaria a ser sua razão de viver: dinheiro. (BARROS, 1999, p. 24.)

Portanto, a categoria do Estranhamento relaciona-se à Joana a partir da sua decisão em assumir a cidadania portuguesa (“Isso significa que terás que negar a tua nacionalidade, dizer não à nossa LUTA” (p. 25), diz-lhe o Tio N’Dingui) em prol da sua cultura original.

A personagem, então, torna-se duplamente estranha: para os seus antepassados, Joana passa a ser vista como uma **assimilada**, já que “os *tugas* vão utilizar isso contra o nosso país nos organismos internacionais” (BARROS, 1999, p. 25). Para os próprios Portugueses, Joana é estranha por ser negra (“não deixaremos de ser negros” (p. 28), diz Joana ao filho Pedro, quando este se nega a aprender os costumes do seu povo, pois não quer ser o ‘*pretinho da Guiné que lava a cara com café*’ (p. 28).

3- PÓS-COLONIALISMO: A PERSPECTIVA DO OUTRO

Na perspectiva Pós-colonial, a categoria Outro servirá para entendermos o porquê de Joana aceitar viver intensamente a cultura portuguesa, mesmo convivendo com um povo que, por meio de um racismo explícito, evita entrar em contato com a personagem. Estranha naquela nova sociedade, ao saber da morte do seu Tio, Joana passa, então, a negar os misticismos religiosos de seu povo para aderir a tradição do Outro – as culturas islâmicas e cristãs.

Além disso, a sua condição enquanto mulher também entrará em choque: passa a viver de acordo com as regras “impostas” pelo sistema colonial, vivendo como “os *cristons*, com os vossos estúpidos problemas da família nuclear baseada na fidelidade da mulher” (p. 85). Para Ana Mafalda Leite (2012), a perspectiva pós-colonial “começa a problematizar alguns desses conceitos e reformulam-se posições” (p. 132).

Sendo assim, Joana assume a categoria do Outro ao ter sua identidade construída pelo sistema do sujeito colonizador. Isso significa que a personagem, mesmo em conflito com si mesma, dará prioridade àquela tradição advinda dos povos que conquistaram Guiné-Bissau, impondo uma série de ideologias – sejam religiosas, sociais, comportamentais ou as que implicam com a condição feminina dentro desse novo regime social.

Francisco Noa, destaca que, para se entender o Outro, é preciso “projetar sempre o cabedal dos nossos fantasmas narcísicos, dos instintos de domínio, enfim, do nosso legado cultural e civilizacional que se mantém em exercícios de autoproteção permanentes” (NOA, 2015, p. 270).

Isso se reflete, também, no olhar masculino diante das condições que fazem enxergar Joana a partir do “olhar do outro”: o autor consegue refletir Joana (e as demais personagens femininas do romance) além dos estereótipos, fazendo com que ela ganhe força e densidade. Tratam-se, portanto, de “invenções masculinas, uma visão imaginária e idealizada da feminilidade” (AUGEL, 2014, p. 133). Contudo, ajuda-nos a enxergar como a mulher, por meio de Joana, viveu durante o período de colonial em Guiné-Bissau, apontando o apagamento feminino diante da opressão que assolou o país.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Kikia Matcho: o desalento do combatente*, o autor Filinto de Barros traça, através de uma narrativa que resgata aspectos da colonização portuguesa em Guiné-Bissau, as situações pelas quais o Estranhamento se tornar tão forte, principalmente quando a personagem Joana entra em contato com a cultura do Outro: torna-se assimilada e passa a entrar em choque com as próprias tradições originárias.

Diante disso, a condição feminina no romance reflete as dificuldades com que Joana passa a enfrentar diante do diferente, dificultando-a até no processo de repassar os ensinamentos do seu povo para Pedro, seu filho. Mesmo diante de uma obra de autoria masculina, enxerga-se que Filinto de Barros consegue, de modo idealizado, retratar as difíceis situações da mulher perante um sistema marcado pela opressão e pelo racismo.

5- REFERÊNCIAS

AUGEL, Moema Parente. Literatura como apropriação simbólica. In: **O desafio do escombro: nação, identidades e pós-colonialismo na Literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. p. 179-232.

AUGEL, Moema Parente. Na voz do outro. A representação da mulher guineense pela perspectiva masculina. In: **O feminino nas Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**. Lisboa: CLEPUL, 2014. p. 129-163.

BARROS, Filinto de. **Kikia Matcho: o desalento do combatente**. Lisboa: Caminho, 1999.

LEITE, Ana Mafalda. Pós-colonialismo, um caminho crítico e teórico. In: **Oralidades & Escritas Pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 129-160.

NOA, Francisco. As figuras, os papéis e as vozes. In: **Império, mito e miopia**: Moçambique como invenção literária. São Paulo: Kapulana, 2015. p. 255-311.

